

A TARDE DE PERNAMBUE

ANCESTRALIDADE EM ALTA

RESISTÊNCIA Nascido do Quilombo do Cabula, Pernambués cresce em valorização imobiliária e voa alto sem perder de vista suas raízes

A voz e a força de Pernambués vêm da sua origem quilombola, que converte este bairro, fincado no coração de Salvador, em reduto de resistência ancestral. O vigor inesgotável acelerou mudanças e se transformou em motor de crescimento e valorização. O local é uma das principais apostas do mercado imobiliário e um dos mais procurados por um público diversificado, que pouco se interessa por rótulos instagramáveis – Pernambués, aliás, os dispensa. Os olhos da cidade se voltam para este local que já abrigou chácaras bucólicas e hoje sofre intenso processo de verticalização, com a chegada de grandes empreendimentos residenciais. Terceiro bairro mais populoso de Salvador – atrás apenas de Itapuã e Pituba –, Pernambués é um ponto de convergência entre o passado histórico e o desenvolvimento urbano acelerado. **2 a 7**



VALORIZAÇÃO DE ORIGEM QUILOMBOLA, PERNAMBUÉS SUPERA PRECONCEITOS E DESPONTA COMO ÁREA COM GRANDE POTENCIAL DE TRANSFORMAÇÃO URBANA NA CAPITAL

Desafio aos rótulos



Divulgação

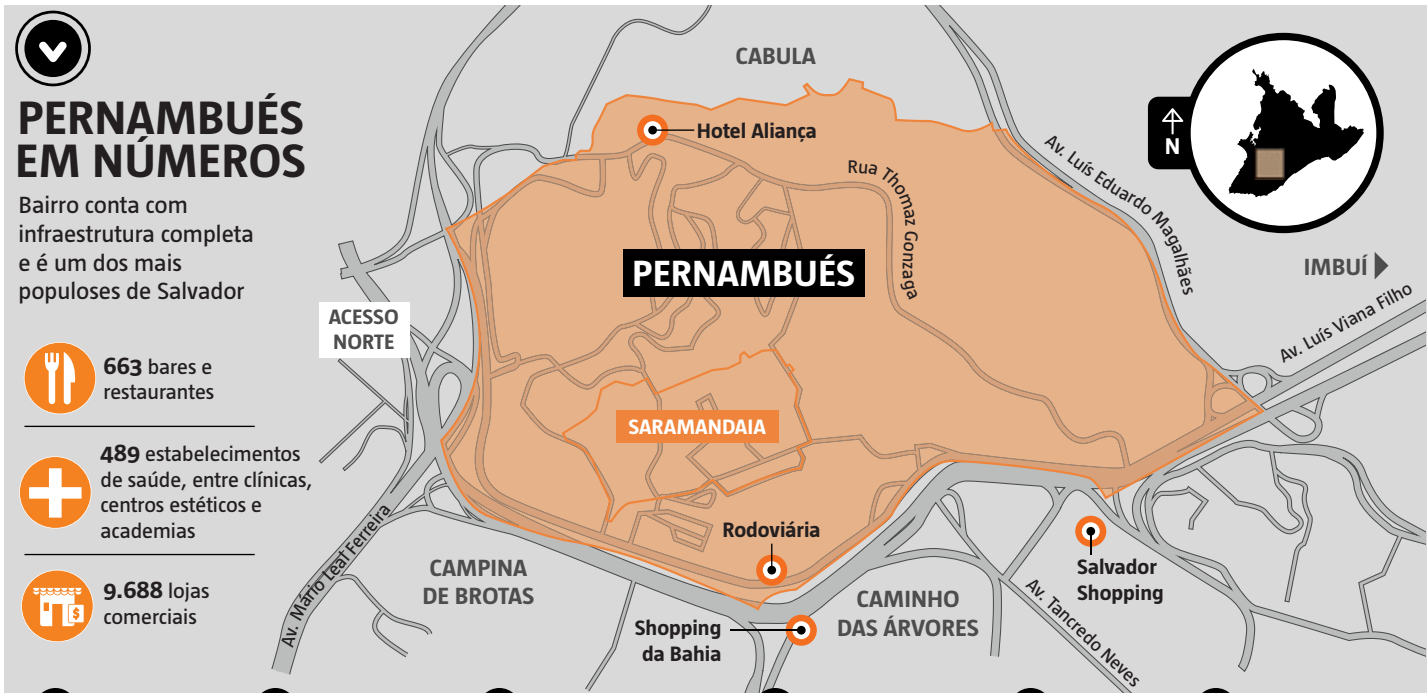
“Pernambués é um bairro em ascensão, com avanços em urbanização, e que tem atraído a classe média”

CLÁUDIO CUNHA, pres. da Ademi-BA

No bairro, novos empreendimentos atraem interesse da classe média



Olga Leiria / Ag. A TARDE



‘Boom’ imobiliário redesenha o futuro com novos empreendimentos

Arquivo pessoal



“Apesar de já ser um dos bairros que mais valorizaram, Pernambués não atingiu nem 10% do potencial”

FABRÍCIO FISS, S3 Engenharia

Divulgação



“É uma região com grande fluxo de pessoas e muitos comércios de bairro. Isso facilita”

CRISTIANE MASCARENHAS, corretor

A consolidação de Pernambués como uma das regiões mais promissoras para novos empreendimentos residenciais de padrão médio e médio-alto vem transformando o bairro em uma espécie de novo polo habitacional da classe média soteropolitana. Quem confirma a mudança é o servidor público e professor, Marivaldo Braga Júnior, que recentemente adquiriu um apartamento no Jardim das Tulipas, novo empreendimento no Jardim Brasília – uma das áreas mais valorizadas do bairro. O projeto conta com infraestrutura completa de lazer, com piscina, academia, salão de festas e área gourmet. “É um bairro que está no centro de tudo. Tem supermercado, shopping, serviços. E o melhor é que os imóveis estão valorizando cada vez mais”, destaca Marivaldo.

Essa percepção não é isolada. Dados de incorporadoras e corretores locais indicam que a valorização do metro quadrado em Pernambués tem superado a média de Salvador. Um dos principais símbolos da virada é o próprio Jardim das Tulipas, da S3 Engenharia. De acordo com o sócio-diretor da empresa, Fabrício Fiss, a decisão de investir no bairro remonta há duas décadas.

“A escolha de Pernambués foi sugestão do pai de um dos sócios. Ele via um grande potencial no bairro, principalmente por causa da excelente localização, perto dos principais centros comerciais de Salvador. Hoje, damos continuidade a essa visão empreendedora”, explica Fiss.

Além do Jardim das Tulipas, com torre única de sete pavimentos e só 23 unidades – todas nascentes –, está à disposição o Morada Flor de Lis, também na mesma área, com uni-



Em construção, o Jardim das Tulipas é um novo empreendimento no Jardim Brasília, uma das áreas mais valorizadas do bairro

Dados de incorporadoras e corretores locais indicam que a valorização do metro quadrado em Pernambués tem superado a média de Salvador

dades de 2 quartos (1 suíte, e metragens entre 52 e 54 m².

Segundo Fabrício Fiss, a valorização deve continuar em ritmo acelerado. “Acreditamos que, apesar de já ser um dos bairros que mais valorizaram, Pernambués ainda não atingiu nem 10% de seu potencial. Tanto o setor privado quanto o poder público têm olhado com mais atenção para o bairro, sobretudo para a região do Jardim Brasília”, avalia.

O empreendedor também contesta a classificação como

‘favela’, apontada pelo Censo de 2022, do IBGE, que registrou 52.564 habitantes no bairro, sendo que cerca de 35 mil viveriam em áreas consideradas de ‘comunidades’. “Entendemos que o bairro de Pernambués, com sua área territorial de cerca de 330 mil m², consegue mesclar diversos perfis socioeconômicos, assim como bairros nobres de Salvador, como Rio Vermelho ou Barra, que também dividem espaço entre apartamentos luxuosos e moradias mais simples das comunidades

vizinhas”, defende Fiss.

Ele vai além e diz que o Jardim Brasília, onde a S3 Engenharia concentra investimentos, deve se emancipar urbanisticamente nos próximos anos. “Assim como o Horto Florestal já foi considerado parte de Brotas, acreditamos que a região do Jardim Brasília irá virar um novo bairro, separado de Pernambués. Muitas pessoas que não conhecem a região ficam surpresas com o padrão construtivo das moradias”, observa.

A projeção da incorporadora

não para por aí. “Já possuímos outros terrenos. Estamos aqui há mais de 20 anos, chegamos antes de todos os outros investidores. Acreditamos que o bairro irá crescer muito. O Jardim Brasília será o novo Horto Florestal. O Jardim das Tulipas é o nosso foco atual, mas, até o final do ano, temos previsão de trazer um novo lançamento para o mercado da região, que segue aquecido”, antecipa.

Ordenamento urbano

Diante do crescimento acelerado, a prefeitura tem intensificado o trabalho de ordenamento urbano. A Praça Arthur Lago, uma das principais, localizada na Rua Thomaz Gonzaga, foi revitalizada e agora conta com 12 boxes para permissionários. Além disso, a prefeitura está realizando grande intervenção viária na região da Rótula do Abacaxi com o objetivo principal de reduzir retenções tanto na parte de baixo dos viadutos como em frente ao Shopping Bela Vista.

Outra intervenção na região proporcionará acesso direto ao Cabula, pelo trecho do Acesso Norte, à Rua dos Rodoviários e, na sequência, às ruas Tomaz Gonzaga ou Silveira Martins, não sendo mais necessário transitar pelo entorno do Shopping Bela Vista. A prefeitura já entregou, em 2024, uma alça que facilita o acesso de quem vem da Bonocó e quer acessar Cabula, Pernambués ou BR-324, sem passar pela rótula.

A Transalvador atua em várias frentes para adequar a infraestrutura viária à nova realidade do bairro. Na área social, o Morar Melhor já reformou 808 casas, e o Restaurante Popular Vida Nova, entregue em 2024, oferece 400 refeições gratuitas por dia para a população mais vulnerável. (Joana Lopo)

FLÁVIO VM COSTA

Jornalista



Viver – e correr – em Pernambués

Eu nasci no Hospital Sagrada Família, no Bonfim, e cresci em Pernambués. Sobre tudo, corri em Pernambués.

Correr era minha perdição na infância, e o ato se conecta diretamente às memórias que tenho do bairro onde vivi até os 24 anos.

Eu estava sempre me descolando velozmente de um lugar para o outro e não necessariamente por pressa de chegar a algum lugar. Corria por prazer.

Talvez a minha mais remota lembrança de Pernambués seja a do domingo em que o Bahia se tornou campeão brasileiro. Eu tinha cinco anos de idade, em fevereiro de 1989, e corri para a rua vazia ao entardecer, enquanto a partida contra o Internacional chegava aos últimos instantes.

Flagrei a rua deserta e ouvi gritos de exaltação que brotavam das casas ao redor. O jogo tinha acabado. Corri de volta para nossa sala e encontrei meu pai sorrindo diante da televisão e o goleiro Ronaldo chorando na tela.

Certa vez, corri ao fugir da escola Ordem & Progresso, durante o recreio. Escapei de ser atropelado por uma moto e dei de cara com minha mãe passando roupa e ouvindo Maria Bethânia no rádio.

“Vim merendar”, anunciei pela janela de casa.

Minha mãe, lívida, me pegou pe-

lo braço, chegou na porta da escola e perguntou por mim.

“Flávio está na sala”.

“Tem certeza?”

Antes que a ‘tia’ pudesse responder, eu apareci por debaixo da saia de minha mãe, com o sorriso mais descarado possível.

Mudei de escola. O Centro Educacional Maria José ficava na mesma rua, quase defronte à nossa casa. Não houve mais fugas, mas as corridas continuaram.

E em um desses percursos desvairados me envolvi em um acidente, quando cravei os dentes na testa de um garoto menor, ao me bater com ela durante a ‘picula’.

Fiquei sem correr durante um mês, de castigo. Com dentes amolecidos e cara emburrada, cumpri minha punição com a dignidade de um inocente preso por uma sentença injusta.

O episódio não me deteve. Eu corria para comprar pão, corria para pegar a edição de domingo do jornal A TARDE na banca da esquina, corria atrás de bola no Centro Social Urbano, corria atrás do ônibus para a Pituba, onde estudava.

De tanto correr pela rua, acabei atropelado por uma bicicleta. O guidão provocaria um corte profundo no lado esquerdo da minha testa e daquela vez, quem chorava era minha mãe, enquanto eu entrava na emergência do Insbot.



Ao andar pelo bairro (correr, agora, está fora de cogitação), eu me pego revivendo histórias por trás das minhas corridas: atrás do Bompreço, dei o primeiro beijo em uma garota de uma rua do condomínio Sistema Solar e, para chegar até ela, corri desesperado. Eu subia célere a ladeira atrás da Madeireira Brotas, ao voltar da faculdade, pois era jovem e nunca me sentia cansado.

Depois que fui embora, continuei me movimentando, sem ficar parado em um mesmo lugar por muito tempo. Porém, em um ritmo mais lento, precavido, cansado até, eu diria.

O Insbot não existe mais, o supermercado mudou de nome, e não

Corria para comprar pão, corria para pegar a edição de domingo do jornal A TARDE na banca da esquina, corria atrás de bola

há risco de um pivete ser atropelado enquanto brinca na rua, pois crianças não brincam mais nas ruas do bairro. Pelo menos não no meu pedaço de Pernambués, que costumo visitar duas ou três vezes por ano.

As coisas mudam, a gente muda, o bairro se transforma. E as crianças correm os olhos pelas telas dos tablets e smartphones.

E mesmo que eu tente, não consigo alcançar o menino que eu era. Ele continua a correr no bairro de Pernambués que só existe na minha memória.

FLÁVIO VM COSTA É COLUNISTA DO UOL E ESCREVEU O LIVRO DE CONTOS *Você morre quando esquecem seu nome*.

Carlos Santana / Cedoc A TARDE / 19.4.2001



Comunidade surgiu do grande quilombo do Cabula e deu origem a Pernambués, bairro de maioria negra

História e resistência

ANCESTRALIDADE ORIGEM DO BAIRRO REMONTA AO PERÍODO ESCRAVOCRATA, QUANDO AS TERRAS DA REGIÃO FAZIAM PARTE DO IMENSO QUILOMBO DO CABULA

Por trás das avenidas movimentadas, dos shoppings reluzentes e dos novos empreendimentos que moldam a paisagem de Salvador, há bairros que carregam em sua formação um legado de resistência e ancestralidade. Pernambués é um deles. Localizado em posição estratégica da capital baiana — entre os centros comerciais do Iguatemi, Salvador Shopping e Bela Vista, e ladeado por importantes vias como a Av. Paralela e a Rótula do Abacaxi —, o bairro é hoje um dos mais populosos da capital. Mas, por trás das estatísticas e da urbanização acelerada, pulsa a história de um território de raízes profundas: uma terra quilombola.

A origem de Pernambués remonta ao período escravocrata, quando as terras da região faziam parte do imenso Quilombo do Cabula, que existiu do período colonial até 1807. Era um núcleo de resistência negra que ocupava vastas áreas cobertas por mata atlântica e que chegou a abrigar fazendas de produção, como a de laranja, posteriormente abandonadas e ocupadas por negros libertos e indígenas. É desse entrelace de histórias que nasce Pernambués, um bairro cujo próprio nome tem origem indígena e significa ‘mar feito à parte’.

Hoje, com mais de 65 mil habitantes, segundo o último Censo do IBGE, de 2022, Pernambués é o terceiro bairro mais populoso de Salvador, atrás apenas de Itapuã e Pituba. É um ponto de convergência entre o passado histórico e o desenvolvimento urbano acelerado. Mas como um antigo quilombo se transformou em um dos bairros mais vibrantes e complexos da capital baiana?

De acordo com o ex-vereador e ativista Luis Carlos Suíca, Pernambués nasceu como um desdobramento do Quilombo do Cabula, um dos maiores redutos de resistência negra na Bahia. “Pode ser considerado a raiz de Pernambués, já que o território onde se encontra o bairro fez parte do grande Quilombo do Cabula, o qual abrigava uma fazenda produtora de laranja. Após o seu declínio, foi sendo ocupada pelos negros quilombolas, que deram origem ao bairro”, explica.

A historiadora Francisca de

Paula reforça que a região era originalmente habitada pelos tupinambás, mas, com a chegada dos africanos escravizados e libertos, formou-se uma rede de resistência. “Pernambués e Saramandaia estão bem próximos da praia. A presença dos povos indígenas predominava no litoral, e com a chegada dos povos negros, que ali se organizaram e interagiram, foram constituindo os arraiais e, a partir disso, as fazendas e chácaras”, conta.

O historiador Alfredo Matta acrescenta que, no passado, Pernambués sequer era considerado um bairro independente. “Era tudo Cabula. Todos os 17 bairros que compõem essa região formavam a grande Cabula. Pernambués era uma divisão disso, que depois virou bairro, com personalidade própria”.

O ‘boom’ populacional

Se no período colonial e imperial Pernambués era um refúgio para negros e indígenas, foi a partir da década de 1970 que o bairro passou por uma explosão demográfica. “As obras que, desde a década de 70, trouxeram um grande contingente de pessoas do interior do estado para trabalhar nas construções fizeram aumentar consideravelmente o número populacional da comunidade”, relata Suíca.

Isto fica evidente no Censo de 2010, que registrou 64.983 habitantes, com uma distribuição étnica marcante: 27,77% se autodeclararam pretos, 54,69% pardos e apenas 15,97% brancos. Esses números refletem a herança afro-indígena do bairro, que ainda hoje mantém tradições culturais e religiosas fortemente enraizadas.

Antes do levantamento feito pelo IBGE, acreditava-se que a Liberdade, por ser considerado um Território da Cultura Afro-Brasileira — como reconheceu o Ministério da Cultura — era o bairro com a maior população negra em Salvador. No entanto, dados de 2010 e, posteriormente, do Censo de 2022 do IBGE, desmistificaram essa crença. As pesquisas revelaram que Pernambués tem, na verdade, o maior número absoluto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas.

Sobre o crescimento desordenado, os dados do IBGE tam-



Divulgação

“Aqui tem de tudo: gari, motorista, dançarina, advogado. Muitos talentos ”

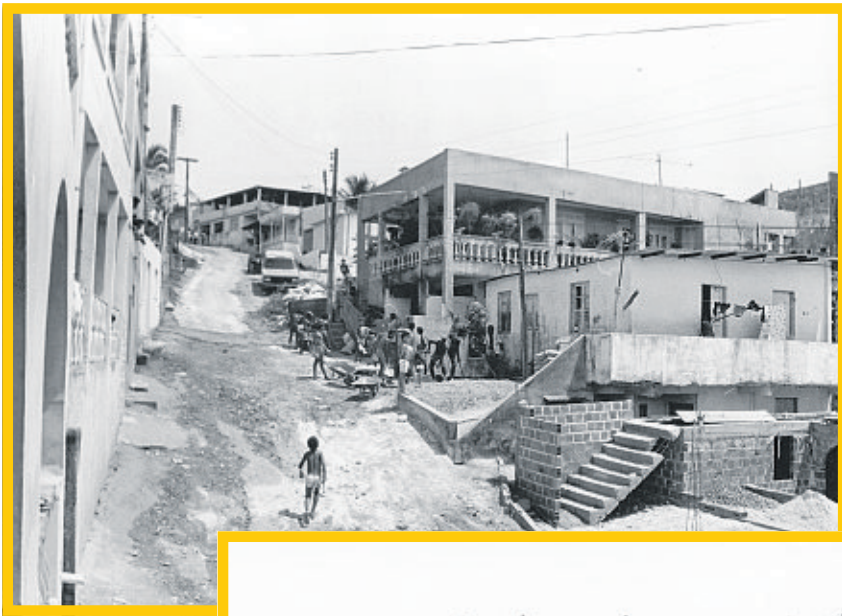
NEGRO DAVI, cantor de rap



Olga Leiria / Ag. A TARDE

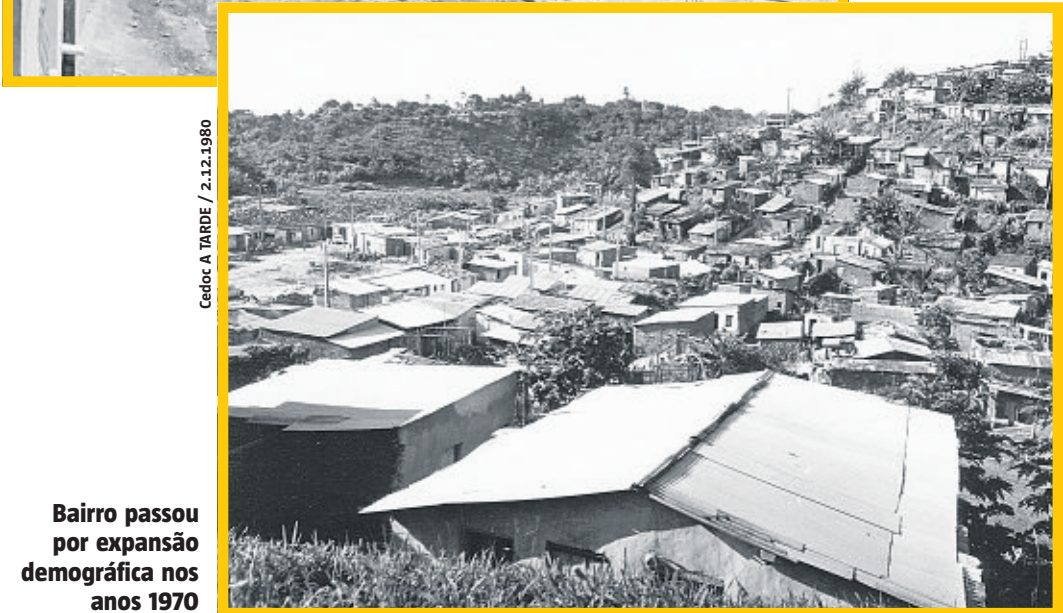
“O bairro cresceu muito, mas continua sendo um ótimo lugar para morar”

ISABEL NASCIMENTO, coordenadora do Terno Rosa Menina



Fernando Costa / Cedoc A TARDE / 6.4.1987

Antes da urbanização, ruas não tinham pavimentação



Cedoc A TARDE / 2.12.1980

Bairro passou por expansão demográfica nos anos 1970

bém mostraram desafios. O Censo 2022 identificou Pernambués como uma das maiores ‘favelas’ do Brasil em número de domicílios, ocupando a 11ª posição no ranking nacional e a 2ª em Salvador, com 18.662 residências estimadas. A renda per capita gira em torno de R\$ 1 mil a R\$ 1.400 mensais, um reflexo das desigualdades que persistem em meio ao desenvolvimento.

Cultura e religiosidade afro

Apesar das dificuldades, Pernambués é um celeiro de cultura e religiosidade afro-brasileira. A turismóloga Rosa Sales enfatiza: “Pernambués ainda é um quilombo, apesar do desenvolvimento. Podemos ver o reflexo disso no comércio, por meio dos tabuleiros de frutas, quitandas, e no candomblé, que é outra herança dos negros neste bairro com a maior população negra de Salvador”.

Pai Ubiratan, líder religioso de Nação Ketu, conta que sua casa de axé tem mais de 50 anos. “Era a minha mãe que comandava, era lêda de Iemanjá, mas ela descansou e estou à frente do terreiro. Tem muito terreiro ainda por aqui, tem de Nação de Angola também. Nós demos continuidade”, relata.

Embora não haja um número oficial, estima-se que existam entre 30 e 70 terreiros de matriz africana em Pernambués. Paralelamente, as igrejas evangélicas também se expandiram no bairro, com cerca de 40 a 80 templos, mostrando a diversidade religiosa da comunidade.

A efervescência cultural do bairro vai além da religião. O cantor de rap, Negro Davi, destaca: “Aqui tem de tudo: gari, motorista, dançarina, advogado, professor, cantor de rap. Tem muitos talentos aqui. O problema é que mostram muito o lado ruim, mas não o lado bom. E aqui tem muita coisa boa. Viver em um bairro negro tem todas essas questões. Precisamos ter mais solidariedade, uns ajudando aos outros”, ressalta.

O Grupo Artístico de Pernambués (GAP) é outro exemplo dessa potência criativa. Criado por moradores e amigos do bairro, o projeto transforma vidas por meio da educação e da arte. “O bairro cresceu em todas as áreas: cultural, religiosa, independência, musical e educacional”, ressalta Suíca.

Isabel Nascimento, coordenadora geral do Terno Rosa Menina — fundado por seu pai, em 1945 —, lembra das histórias contadas pela mãe, Luiza, sobre as Ganhadeiras de Itapuã e da Boca do Rio, que passavam por Pernambués vendendo quitutes. “Era uma época muito boa, brincávamos muito na rua com toda segurança. Hoje o bairro cresceu muito, mas continua sendo um ótimo lugar para morar”, atesta.

Grandes desafios

Apesar dos avanços, o bairro ainda enfrenta desafios como a falta de infraestrutura e o estigma associado às comunidades periféricas. Mas, como ressalta a arte-educadora Jedjane Mirtes, “é preciso aceitar de onde viemos e dizer que podemos ir além. Pernambués tem se afirmado mais, tem discutido a sua negritude. Aqui é o meu lugar, embora esteja aprendendo a lidar com as contradições do bairro. Mas sou fruto dessa comunidade e me orgulho disso”.

Com seus becos, ladeiras, centros culturais e terreiros, Pernambués segue como uma comunidade viva, vibrante e plural. Um bairro que guarda na pele, na memória e nas manifestações culturais o orgulho de uma história forjada na luta, na fé e na esperança — símbolo de uma Salvador que não está apenas nas praias e cartões-postais, mas que pulsa com força nas suas raízes quilombolas e na resiliência do seu povo.

Como bem define Suíca: “Hoje é possível perceber na comunidade de Pernambués a força dos moradores em buscar seus direitos, a lutar por uma comunidade melhor, mais organizada, e o orgulho com a identidade cultural afro-brasileira. E é essa força que continua a moldar o futuro do bairro”.

LÚCIO LIMA
Cineasta e pesquisador

'ANCESTRALIDADE
AINDA PULSA NAS
RUAS, NAS FESTAS
E NA RESISTÊNCIA'

Entre as vielas, becos e ladeiras de Pernambués, pulsa uma história de resistência que ecoa os tambores ancestrais de um quilombo urbano ainda vivo. Foi para dar visibilidade a essa memória coletiva que o cineasta e pesquisador Lúcio Lima concebeu o documentário Pernambués, Quilombo Urbano, lançado em 2020 com apoio do edital Arte Todo Dia, da Fundação Gregório de Mattos. Nascido na vizinha Saramandaia, Lima se mudou para Pernambués com o objetivo de falar sobre o território de dentro — não como espectador, mas como parte integrante da narrativa. O filme, sensível e potente, revela um bairro majoritariamente negro, moldado por práticas comunitárias, lideranças espirituais e culturais, heranças do Quilombo do Cabula e manifestações populares como o Terno de Reis Rosa Menina, grande símbolo de resistência e continuidade. Sem imagens de arquivo, mas com um acervo vivo de memórias, o documentário constrói uma Salvador negra e periférica, em que o sagrado e a vida cotidiana se entrelaçam. Nesta entrevista ao A TARDE, Lima conta que sua produção acende o alerta para os impactos da urbanização acelerada e propõe uma reflexão urgente: como crescer sem apagar as raízes que sustentam a identidade de um povo?

O que motivou a realização do documentário?

O documentário Pernambués, Quilombo Urbano teve produção em 2019 e foi lançado em 2020. O projeto foi contemplado no edital Arte Todo Dia, da Fundação Gregório de Mattos e prefeitura municipal de Salvador. A principal motivação para a realização veio da minha vivência como morador de Saramandaia, bairro vizinho a Pernambués. Durante minha adolescência, existiam barreiras territoriais que dificultavam a interação entre os dois bairros, e isso sempre me provocou reflexões. Ao perceber que essas divisões já não faziam tanto sentido em 2019, decidi me aproximar mais da comunidade. Conheci muitos pesquisadores, jovens, artistas e moradores de Pernambués, que me inspiraram. Além disso, o dado do IBGE que identifica Pernambués como o bairro mais negro de Salvador me motivou a investigar e registrar essa história. A origem quilombola da região, vinculada ao antigo Quilombo do Cabula, também foi um motor fundamental. Me mudei para o bairro para vivenciar o cotidiano e construir o documentário de dentro do bairro, valorizando essa memória coletiva e o território.

De que forma a origem quilombola de Pernambués é construída no documentário? Como essa herança cultural está presente na vida dos moradores?

O documentário aborda a origem quilombola de Pernambués destacando suas raízes ligadas ao antigo Quilombo do Cabula. A herança cultural está presente no cotidiano através das práticas comunitárias, das tradições orais, das manifestações culturais e da presença de lideranças locais que mantêm viva a memória do território. A figura da professora doutora Francisca de Paula foi fundamental na construção dessa narrativa, ajudando a evidenciar como a ancestralidade ainda pulsa nas ruas, nas festas e na resistência dos moradores.

Quais foram os maiores desafios durante as filmagens? Houve alguma dificuldade em acessar determinadas áreas ou em obter depoimentos?

Os desafios foram muitos. Diferentemente do documentário anterior sobre Saramandaia (Retalhos — a memória viva de Saramandaia), não havia material de arquivo disponível — como as imagens das décadas de 1980 e 1990 produzidas por meu pai. Além disso, embora eu conhecesse pessoas do bairro, eu ainda estava chegando na comunidade. Pernambués é um bairro muito extenso, maior do que Saramandaia, o que exigiu que eu delimitasse a narrativa a algumas

localidades. Apesar dessas dificuldades, consegui construir um documentário potente, com histórias reais e sensíveis de moradores que ajudam a moldar e manter viva a identidade do bairro.

Como o documentário retrata a transformação urbana de Pernambués ao longo dos anos?

A transformação urbana é retratada a partir das memórias dos moradores mais antigos e do contraste entre o passado e o presente. O filme mostra como a urbanização avançou, modificando as dinâmicas de convivência, os espaços físicos e até mesmo as relações sociais do bairro. A expansão desordenada, a perda de áreas verdes e o crescimento de construções foram temas que surgiram naturalmente nos depoimentos, revelando como essas mudanças impactaram a identidade coletiva da comunidade.

De que forma a cultura local, como o Terno de Reis Rosa Menina, é apresentada no filme? Quais aspectos da identidade de Pernambués são destacados?

O documentário enfatiza fortemente a identidade negra e quilombola de Pernambués, destacando a diversidade étnica e cultural como um dos traços mais marcantes do bairro. Ele busca valorizar a oralidade, as tradições populares, a religiosidade de matriz africana, a força feminina e o protagonismo comunitário. Ao mostrar a pluralidade de vozes e experiências, o filme constrói uma narrativa que revela a potência cultural da periferia como lugar de resistência e produção de saberes. O Terno de Reis Rosa Menina é uma das manifestações mais emblemáticas da cultura popular do bairro. A figura e o depoimento de dona Isabel, filha da matriarca do grupo, são centrais para mostrar a continuidade dessa tradição. O documentário revela como essa prática mobiliza a comunidade e reforça laços identitários. Mais do que uma celebração religiosa ou cultural, o Terno de Reis é retratado como símbolo de resistência e memória ancestral, reafirmando o papel das mulheres e das famílias na preservação da cultura de Pernambués. Mostramos também as manifestações religiosas como os terreiros, as celebrações afro-brasileiras, e figuras como o pai Ubiratã — liderança importante que representa a força espiritual e cultural do bairro. Essas manifestações são apresentadas porque são pilares da formação identitária de Pernambués, conectando o presente à ancestralidade africana e quilombola da região. Ao dar voz a essas práticas e seus representantes, o documentário busca reafirmar a riqueza cultural do bairro e seu



Olga Leiria / Ag. A TARDE

Herança cultural está presente no cotidiano através das práticas comunitárias

Documentário busca valorizar a oralidade, a religiosidade e a força feminina

Urbanização deve ocorrer de forma equilibrada e respeitosa com a história do bairro

papel na construção da Salvador negra e periférica. As iniciativas comunitárias aparecem no documentário como verdadeiros motores de transformação social. Também foram destacados projetos de base, atividades educativas e culturais organizadas por moradores, movimentos locais e lideranças que atuam na resistência cotidiana. Essas ações demonstram a força da coletividade no bairro e como, mesmo diante de adversidades, a comunidade se articula para promover acesso à cultura, educação e direitos.

Como foi a recepção do documentário pelos próprios moradores de Pernambués? Houve algum retorno da comunidade local? Há outros projetos para a região?

A recepção foi extremamente positiva. A comunidade apoiou, aprovou e divulgou o filme. Durante o lançamento virtual, no auge da pandemia, o documentário alcançou quase 5 mil visualizações no canal da Fundação Gregório de Mattos apenas no dia do lançamento. Professores indicaram o filme como material didático em escolas, fortalecendo seu uso pedagógico. Além disso, o documentário foi premiado em festivais nacionais, como o

Festival de Cinema dos Sertões (Piauí), recebendo prêmios de Melhor montagem e Melhor Roteiro. A partir desse trabalho, outros projetos foram desenvolvidos no território, como a continuidade das pesquisas para um novo filme sobre o Quilombo do Cabula, aprofundando ainda mais a relação entre cultura, memória e identidade. É o meu primeiro filme de ficção que está em fase final de montagem: Mundinho.

Após o documentário, como vê o futuro de Pernambués em relação ao crescimento vertical e surgimento de novos empreendimentos e polos empresariais?

O crescimento vertical e a chegada de novos empreendimentos representam um risco real para a preservação da cultura local, principalmente se não houver políticas públicas e articulação comunitária para proteger o patrimônio imaterial. A força da tradição oral, das manifestações culturais e da organização popular são ferramentas de resistência poderosas. O que é necessário é um esforço coletivo para garantir que o desenvolvimento urbano aconteça de forma equilibrada e respeitosa com a história e a identidade do bairro.